

ALFAGUARA

James Baldwin

Um outro país

Tradução de Eugénia Antunes



Estava de frente para a Sétima Avenida, em Times Square. Passava da meia-noite e estivera no cinema, sentado na última fila do primeiro balcão, desde as duas da tarde. Por duas vezes fora acordado pelo sotaque violento do filme italiano, uma ocasião pelo arrumador e outras duas por dedos que serpenteavam no seu entrepernas. Estava tão cansado, caíra tão fundo, que mal tinha forças para se zangar; já nada do que era seu lhe pertencia — *levaste o que presta, porque não levas também o que resta?* —, mas resmungara durante o sono e arreganhara os dentes brancos na cara escura e cruzara as pernas. O balcão esvaziara-se então quase por completo, o filme italiano abeirava-se de um clímax; desceu aos tropeções as intermináveis escadas até à rua. Tinha fome, sentia a boca imunda. Deu-se conta demasiado tarde, ao passar pelas portas, que tinha vontade de mijar. E estava teso. E não tinha para onde ir.

O polícia deitou-lhe um olhar ao passar por ele. Rufus virou-se, levantou a gola do casaco de cabedal, enquanto o vento o mordiscava com prazer através das calças de verão, e rumou a norte pela Sétima Avenida. Pensara em ir até à Baixa e acordar Vivaldo — o único amigo que lhe restava na cidade, ou talvez no mundo —, mas resolveu então dar um pulo a um certo bar de *jazz* e clube noturno. Talvez alguém o visse e o reconhecesse, talvez um compincha lhe desse tusto suficiente para uma refeição ou, ao menos, para o bilhete do metro. Ao mesmo tempo, esperava não ser reconhecido.

A avenida também estava tranquila, com a maior parte das luzes apagadas. Aqui e ali uma mulher de passagem, aqui e ali um

homem; raras vezes, um casal. Nas esquinas, à luz dos candeeiros, junto a *drugstores*, grupelhos de pessoas brancas, animadas, à conversa, mostravam os dentes brancos umas às outras, tocavam-se, chamavam táxis com assobios, afastavam-se neles, sumiam-se atrás das portas das *drugstores* ou na escuridão de ruas secundárias. Bancas de jornais, quais casas pretas num tabuleiro, demarcavam as esquinas dos passeios, e os polícias, os taxistas e outros, mais difíceis de identificar, batiam com os pés junto a elas e trocavam palavras habituais com o vendedor, enroupado dentro do quiosque. Um letreiro anunciava a pastilha elástica que ajudaria a descontraír e a manter o sorriso. O gigantesco néon de um hotel desafiava o céu sem estrelas. O mesmo faziam os nomes das estrelas de cinema e pessoas que naquele momento participavam ou iriam participar em espetáculos da Broadway, a par dos nomes com um quilómetro de altura dos veículos que os levariam à imortalidade. Os grandes edifícios, sem luzes, rombudos como um falo ou aguçados como uma lança, guardavam a cidade que nunca dormia.

Aos pés deles caminhava Rufus, um dos caídos — pois o peso daquela cidade era assassino —, um dos que tinham sido esmagados no dia, que era todos os dias, em que aquelas torres tinham caído. Completamente só, e a morrer disso, fazia parte de uma multidão inaudita. Aos balcões das *drugstores*, a beberem café, havia rapazes e raparigas que se furtavam à sua condição por meio de barreiras tão efémeras como os seus cigarros minguantes. Mal conseguiam suportar tal compreensão, e nem teriam aguentado ver Rufus, embora soubessem porque andava pela rua naquela noite, porque andava de metro a noite inteira, porque roncava o seu estômago, porque tinha o cabelo encrespado, as axilas malcheirosas, as calças e os sapatos demasiado puídos, e porque não se atrevia a parar para mijar.

Encontrava-se então diante das portas brumosas da espelunca de *jazz*, espreitava o interior, pressentindo, mais do que vendo, os negros frenéticos no palco e a multidão absorta e mista ao balcão. A música era ruidosa e vácuca, ninguém fazia o que fosse e os sons eram arremessados à multidão como uma maldição na qual

já não acreditavam nem aqueles que acalentavam o ódio mais profundo. Sabiam que ninguém ouvia, que as pessoas exangues não podem ser obrigadas a sangrar. Assim, tocavam o que toda a gente já tinha ouvido, garantiam que nada de terrível estava a acontecer, e as pessoas às mesas achavam agradável gritar por cima daquela assombrosa confirmação e as pessoas no bar, a coberto de um ruído do qual dificilmente prescindiriam, continuavam em busca do que fosse que procuravam. Rufus queria entrar e usar a casa de banho, mas envergonhava-se do seu aspeto. Andava escondido há quase um mês, na verdade. E, na sua mente, via-se então avançando tropegamente por entre aquela multidão, rumo à casa de banho, e de volta, sob o olhar compadecido ou desdenhoso ou trocista de toda a gente. Ou alguém sussurraria, de certeza: «Aquele não é Rufus Scott?» Alguém o olharia horrorizado e depois regressaria ao que o ocupava com um interminável e lastimoso «Caramba!» Não foi capaz... e ficou a saltitar, ora sobre um pé, ora sobre o outro, e vieram-lhe as lágrimas aos olhos.

Um casal branco, à gargalhada, saiu pela porta e mal olhou para ele ao passar. O calor, o cheiro a pessoas, a uísque, a cerveja e a fumo que o atingiu quando as portas se abriram puseram-no a chorar de verdade e fizeram com que o seu estômago vazio roncasse de novo.

Recordou dias e noites, dias e noites, em que estivera ali dentro, no palco ou na multidão, elegante, querido, capaz de engatar qualquer miúda que quisesse, em que ia a festas e ficava pedrado e se embriagava e andava na palhaçada com os músicos, seus amigos, e que o respeitavam. Depois ia para casa, trancava a porta, descalçava os sapatos, quiçá se servisse de uma bebida, talvez ouvisse uns discos, se estirasse na cama e ligasse a uma miúda. E mudava de roupa interior e de meias e de camisa, fazia a barba, tomava um duche e ia ao barbeiro no Harlem, e a seguir visitava a mãe e o pai e metia-se com a irmã, Ida, e comia: entrecosto ou costeletas de porco ou frango ou hortaliça ou pão de milho ou inhame ou biscoitos. Por um momento achou que desfaleceria de fome e arrimou-se a uma parede do edifício. Tinha a testa perlada de suores frios. Pensou: «Isto tem de acabar, Rufus.

Esta merda tem de acabar.» Depois, tomado pelo cansaço e pela imprudência, vendo que as ruas estavam vazias e fazendo figas para que ninguém saísse pela porta, apoiou uma das mãos na parede, salpicou o passeio e a parede de mijo, vendo o ténue vapor elevar-se do chão frio.

Lembrou-se de Leona. Ou foi acometido por uma náusea súbita, fria e conhecida, e soube que estava a recordar-se de Leona. E começou a andar, muito lentamente, afastou-se da música, com as mãos nos bolsos e a cabeça pendida. Já não sentia o frio.

Porque recordar Leona era também, de alguma forma, recordar os olhos da sua mãe, a ira do pai, a beleza da irmã. Era lembrar as ruas do Harlem, os rapazes nos degraus da entrada, as raparigas atrás das escadas e nos terraços, o polícia branco que o ensinara a odiar, os jogos de beisebol de rua, as mulheres debruçadas nas janelas e os números em que jogavam todos os dias, à espera do golpe de sorte que o pai nunca lograria. Era recordar a *jukebox*, as brincadeiras, os bailes, o tesão, as lutas entre gangues e as orgias, a sua primeira bateria — comprada pelo pai —, o primeiro charro de erva, a primeira snifadela de heroína. Sim: e os rapazes com umas grandessíssimas pedras, esparramados nos degraus dos prédios, o rapaz morto de *overdose* num terraço nevado. Era lembrar a batida: *Um gajo*, dizia o seu pai, *vive a vida toda, vive e morre, segundo uma batida. Fode ao ritmo dessa batida, caramba, e o bebé que mete lá dentro... bem... salta ao ritmo dela e sai cá pra fora nove meses depois a parecer a merda de uma pandeireta*. A batida: mãos, pés, pandeiretas, baterias, pianos, risadas, palavrões, lâminas; o homem que se entesa com uma gargalhada e um grunhido e um ronrom, e a mulher, lânguida, que se humedece com um sussurro e um suspiro e um grito. A batida: no Harlem, no verão, quase podia ver-se, a palpitar sobre os passeios e o terraço.

E fugira, ou assim acreditara, da batida do Harlem, que era simplesmente a batida do seu coração. Para um campo de recrutamento no Sul, e para o mar revoltoso.

Quando estava ainda na Marinha, trouxera, de uma das suas viagens, um xaile indiano para Ida. Comprara-o algures em

Inglaterra. No dia em que lho ofereceu e ela o pôs, houve alguma coisa que estremeceu dentro dele, algo que até então permanecera incólume. Nunca reparara na beleza dos negros. Porém, ao contemplar Ida em frente à janela da cozinha, no Harlem, vendo que não era mais apenas a sua irmã mais nova, mas uma rapariga que em breve seria uma mulher, associou-a às cores do xaile, às cores do sol, e a um esplendor incalculavelmente mais vetusto do que a rocha cinzenta da ilha onde haviam nascido. Ocorreu-lhe que porventura aquele esplendor voltasse um dia ao mundo, ao mundo que conheciam. Séculos e séculos antes, Ida não havia sido apenas uma descendente de escravos. Observando o seu rosto escuro à luz do Sol, amenizado e sombreado pelo glorioso xaile, podia dizer-se que, em tempos, fora uma rainha. Em seguida, olhou pela janela, para a conduta de ventilação, e pensou nas prostitutas da Sétima Avenida. Pensou nos polícias brancos e no dinheiro que ganhavam com a carne negra, o dinheiro que o mundo inteiro ganhava.

Devolveu o olhar à irmã, que lhe sorria. No mindinho rodava o anel em forma de serpente com olho de rubi que ele lhe trouxera de outra viagem.

— Por este andar — disse ela —, fazes de mim a rapariga mais bem vestida do quarteirão.

Era um alívio que Ida não o pudesse ver naquele momento. Diria: «Meu Deus, Rufus, que ideia a tua andares assim vestido. Não sabes que contamos contigo?»

Sete meses antes, há uma vida, tocara num dos clubes novos do Harlem detidos e geridos por um preto. Era a última noite da banda, e tinha sido boa, toda a gente estava animada. Depois do concerto, a maioria planeava ir para casa de um famoso cantor preto que acabara de fazer a sua estreia num filme. Sendo um clube novo, o sítio estava à cunha. Ouvira dizer que ultimamente o negócio já não corria tão bem. Naquela noite recebera todo o tipo de pessoas, brancos e negros, ricos e pobres, pessoas que iam pela música e gente que passava a vida em bares e clubes noturnos

por outras razões. Havia um par de visons e umas quantas imitações e uma série de sabe-se-lá-o-quê a cintilar em pulsos, orelhas, pescoços e cabelos. As pessoas de cor divertiam-se porque sentiam que, por alguma razão, aquela multidão estava em pé de igualdade com elas; e os brancos divertiam-se porque ninguém os desprezava por serem brancos. O clube, como Fats Waller teria dito, estava ao rubro.

Havia alguma erva a circular e ele estava ligeiramente pedrado. Sentia-se muito bem. E durante o último alinhamento, animou-se ainda mais, porque o saxofonista, que noite toda tocara de forma extravagante, se lançara num solo espetacular. Era um miúdo mais ou menos da mesma idade de Rufus, de um sítio maluco qualquer, tipo Jersey City ou Syracuse, mas que em determinada altura descobrira que podia exprimir-se com um saxofone. E tinha muito para dizer. Em cima do palco, com as pernas abertas, a foder o ar, a encher o peito largo, a tremer maltrapilho, do alto dos seus vinte e poucos anos, e a gritar através da trombeta: *Amas-me? Amas-me? Amas-me?* E, de novo: *Amas-me? Amas-me? Amas-me?* Era essa, de qualquer modo, a pergunta que Rufus ouvia, a mesma frase, repetida insuportavelmente, interminavelmente e de diversas maneiras, com toda a força que o rapaz tinha. O silêncio da assistência tornou-se rigoroso, a atenção abrupta, concentrada, ficaram cigarros por acender, bebidas pousadas nas mesas; e em todos os rostos, mesmo nos mais escavacados e apagados, despontou uma luz curiosa e circunspecta. Estavam a ser agredidos pelo saxofonista, que talvez já não desejasse o amor da assistência, mas antes arremessar-lhes a sua indignação com o mesmo orgulho desdenhoso e pagão com que fodia o ar. E, contudo, a pergunta era terrível e real; o rapaz soprava-a com os pulmões e as entranhas, desde o fundo do seu curto passado; algures nesse passado, nas sarjetas ou nas lutas de gangues ou nas orgias; no quarto acre, no cobertor teso da esporra, atrás de um charro ou da agulha, sob o cheiro a mijo na cave da esquadra, recebera a pancada da qual jamais recuperaria, e nisso ninguém queria acreditar. *Amas-me? Amas-me? Amas-me?* Os homens no palco

acompanhavam-no, serenos e a alguma distância, acrescentando e questionando e corroborando, refreando-se o melhor que podiam com uma troça irónica de si mesmos; mas cada homem sabia que o rapaz soprava por todos eles. Quando o alinhamento acabou, estavam todos transpirados. Rufus sentiu o seu próprio cheiro e o dos homens ao seu redor, e «Pronto, é tudo», disse o baixista. A multidão gritava por mais, mas tocaram o tema principal e as luzes acenderam-se. E Rufus tocara assim o último alinhamento do seu último concerto.

Ia deixar a sua tralha ali até segunda-feira à tarde. Ao descer do palco, deparou com uma rapariga loura, despreziosamente vestida, a olhar para ele.

— Que tens em mente, querida? — perguntou-lhe ele. Em redor, toda a gente se afadigava e preparava para ir à festa. Era primavera e o ar estava carregado.

— Que tens *tu* em mente? — contra-atacou ela, mas era óbvio que apenas não soubera que outra coisa dizer.

Dissera o suficiente. Era do Sul. E algo em Rufus reagiu ao olhar para o rosto húmido e descorado da rapariga, o rosto da pobre branca sulista, e o seu cabelo liso e pálido. Era bastante mais velha do que ele, teria mais de trinta anos, provavelmente, e era demasiado magra. Ainda assim, tornou-se de repente o corpo mais excitante que ele contemplara em muito tempo.

— Querida — disse ele, e presenteou-a com um dos seus sorrisos enigmáticos —, não estás muito longe de casa?

— Estou, sim — respondeu ela —, e nunca mais lá volto a pôr os pés.

Ele riu-se e ela riu-se.

— Bem, Miss Anne¹ — replicou —, se temos a mesma coisa em mente, vamos então à tal festa.

E deu-lhe o braço, permitindo de forma deliberada que as costas da mão lhe roçassem o seio, e disse:

¹ Designação usada pelos negros para se referirem às mulheres brancas, sobretudo as arrogantes e condescendentes. (*N. da T.*)

— O teu nome não é Anne, pois não?

— Não — confirmou ela —, é Leona.

— Leona? — E voltou a sorrir. O seu sorriso tinha o condão de ser muito eficaz. — É um nome bonito.

— E o teu, qual é?

— O meu? Rufus Scott.

Interrogava-se o que fazia ela naquele clube, no Harlem. Não parecia nada o tipo de pessoa que se interessava por *jazz*, e muito menos parecia ter o hábito de ir sozinha a bares desconhecidos. Vestia um casaco leve de primavera, tinha o cabelo comprido penteado simplesmente para trás, e preso com uns ganchos, usava muito pouco batom e nenhuma outra maquilhagem.

— Vamos — disse ele. — Metemo-nos num táxi.

— De certeza que não há problema se eu for?

Rufus sugou o ar por entre os dentes.

— Se houvesse problema, não te convidava. Se eu digo que está tudo bem, está tudo *bem*.

— Nesse caso — respondeu ela, com uma pequena risada —, tudo bem.

Avançaram ao sabor da multidão, que, com muitas interrupções, muita cavaqueira e risota e muita confusão erótica, se derramou para a rua. Eram três da manhã e várias pessoas em traje de gala cintilavam à volta deles e assobiavam e ocupavam os táxis todos. Outros, consideravelmente menos formais no vestir — estavam na extremidade ocidental da Rua 125 — ocupavam o passeio em pequenos grupos e zanzavam ou pavoneavam-se ou remanchavam por entre olhares, de esguelha ou fixos, mais calculistas do que curiosos. Os polícias deambulavam por ali; de uma maneira cuidadosa e, aliás, deveras misteriosa, comunicavam que aqueles pretos em especial, não obstante a hora tardia e o facto de estarem quase todos embriagados, não deviam ser tratados da forma habitual, e o mesmo se aplicava aos brancos que estavam com eles. Mas Rufus deu-se de repente conta de que Leona seria em breve a única pessoa branca ali presente. Isso incomodou-o e o incómodo irritou-o. Leona avistou um táxi vazio e chamou-o.

O taxista, branco, não hesitou em parar para os apanhar e, tendo parado, também pareceu arrependido de o ter feito.

— Amanhã vais trabalhar? — perguntou Rufus a Leona. Agora que estavam a sós, sentia-se um pouco envergonhado.

— Não — disse ela —, amanhã é domingo.

— Pois é.

Rufus sentia-se contente e livre. Planeara visitar a família, mas ocorreu-lhe que seria maravilhoso passar o dia na cama com Leona. Olhou de relance para ela, reparando que, embora fosse minúscula, parecia muito jeitosa. Interrogou-se o que estaria ela a pensar. Ofereceu-lhe um cigarro, encostando a mão à dela por um instante, mas ela recusou.

— Não fumas?

— Às vezes. Quando bebo.

— Isso acontece com frequência?

Ela riu-se.

— Não. Não gosto de beber sozinha.

— Bem, por um tempo não *irás* beber sozinha — replicou ele.

Leona não disse nada, mas ali no escuro do táxi pareceu ter ficado tensa e corada. Olhou pela janela do seu lado.

— Ainda bem que não tenho de me preocupar em levar-te a casa cedo, esta noite.

— Não tens de preocupar-te com isso, nada mesmo. Sou uma menina crescida.

— Querida — disse ele —, não és maior do que um minuto.

Ela suspirou.

— Às vezes, um minuto pode ser uma coisa muito poderosa.

Rufus decidiu não perguntar o que queria ela dizer com aquilo. Com um olhar expressivo, disse:

— Isso é verdade.

Mas ela pareceu não ter entendido o significado por trás daquelas palavras.

Seguiam pela Riverside Drive, cada vez mais perto do seu destino. À esquerda, luzes pálidas, sem encanto, realçavam o negrume da costa de Jersey. Ele encostou-se e inclinou-se um pouco para

Leona, vendo as luzes e a escuridão desfilar. O táxi fez uma curva; entreviu a ponte distante que brilhava como qualquer coisa escrita no céu. O carro desacelerou, em busca do número da porta. Um táxi que seguia à frente deles acabara de despejar uma multidão de pessoas e desaparecia ao fundo do quarteirão.

— Chegámos — disse Rufus.

— Parece ser uma festa e peras — comentou o taxista, e piscou o olho. Rufus não disse nada. Pagou ao homem, apertaram-se e entraram no vestíbulo, espaçoso e medonho, com espelhos e cadeiras. O elevador ia a subir e já se ouvia a multidão.

— Que fazias sozinha naquele clube, Leona? — perguntou ele.

Um pouco sobressaltada, Leona deitou-lhe um olhar. Depois:

— Não sei. Queria ver o Harlem, por isso fui até lá, para dar uma olhadela. E calhou passar por aquele clube e ouvi a música e entrei, e *fiquei*. Gostei da música. — Deitou-lhe um olhar burlão. — Está bem assim?

Ele riu-se e não respondeu.

Leona virou-se quando o som da porta a fechar-se reverberou pela caixa do elevador. A seguir, o zunido dos cabos mal o elevador começou a descer. Manteve os olhos fixos na porta fechada como se a sua vida dependesse disso.

— É a tua primeira vez em Nova Iorque?

Era, sim, mas sonhara com isso a vida toda, confessou-lhe ela, com um pequeno sorriso, meio virada para ele. Havia nela qualquer coisa de hesitante que ele achava deveras comovente. Assemelhava-se a um animal selvagem que não sabia se havia de abeirar-se da mão estendida ou de fugir, e não parava de encetar pequenas arremetidas, ora numa direção ora noutra.

— Eu nasci aqui — disse ele, de olhos fixos nela.

— Eu sei — respondeu ela —, daí que não te pareça tão maravilhosa como a mim.

Ele tornou-se a rir. Recordou de súbito o tempo que passara no campo de recrutamento, no Sul, e sentiu de novo a bota de um oficial branco contra a sua boca. Estava de farda branca, no chão, estendido no barro vermelho, poeirento. Alguns dos

seus camaradas de cor amparavam-no, gritavam-lhe ao ouvido, ajudavam-no a pôr-se de pé. Com um palavrão, o oficial branco sumira-se, desaparecera de vez para lá do alcance da vingança. Ele tinha a cara cheia de barro e lágrimas e sangue; cuspiu sangue vermelho para a poeira vermelha.

O elevador chegou e a porta abriu-se. Ele deu-lhe o braço quando entraram e manteve-o junto ao peito.

— Acho-te uma rapariga muito encantadora, mesmo.

— Também és simpático — disse ela. No elevador fechado, em ascensão, a sua voz evidenciava um tremor estranho, e o corpo tremia também, ao de leve, como que soprado pelo suave vento primaveril, lá fora.

Apertou-lhe o braço com mais força.

— Lá na tua terra não te alertaram para os pretinhos que encontrarias cá em cima, no Norte?

Ela prendeu a respiração.

— Nunca me importunaram com essas coisas. No meu entender, as pessoas são pessoas, e mais nada.

«E rata é rata, no meu entender», pensou ele, mas ainda assim ficou grato pelo tom que ela usou. Concedeu-lhe um momento para se orientar, pois também ele tremia, ligeiramente.

— Que te fez vir para norte? — indagou.

Interrogava-se se devia engatá-la ou esperar que desse ela o primeiro passo. Não podia suplicar. Mas talvez ela pudesse. Sentia já uma leve comichão na púbis. O músculo terrível ao fundo da barriga começou a crescer e a endurecer.

O elevador parou, as portas abriram-se e percorreram um longo corredor em direção a uma porta entreaberta.

— Acho que já não aguentava a vida por lá — disse ela. — Era casada, mas depois rompi com o meu marido e fiquei sem o meu filho, nem sequer me deixavam vê-lo, e pus-me a pensar que, em vez de ficar por lá a dar em doida, mais valia vir para aqui e começar uma vida nova.

Houve qualquer coisa que despertou a imaginação de Rufus por um momento, e que lhe sugeriu que Leona era uma pessoa

e que tinha uma história e que todas as histórias representavam sarilhos. Tratou de descartar tal ideia. Não estaria com ela tempo suficiente para que essa história o importunasse. Só a queria por uma noite.

Bateu à porta e entrou sem esperar por uma resposta. Mesmo em frente, na ampla sala de estar que culminava numa portas envidraçadas abertas para uma varanda, mais de uma centena de pessoas ia circulando, algumas de traje de noite, outras vestidas de maneira informal. Do teto alto pendia uma enorme bola prateada que refletia partes inesperadas da sala e tecia os seus próprios comentários desagradáveis sobre as pessoas nela retratadas. O vaivém na sala era tal, tão reluzentes eram as joias, os copos e os cigarros, que a pesada bola quase parecia estar viva.

Do anfitrião — que ele, na verdade, não conhecia muito bem — nem sinal. À direita havia três divisões, a primeira das quais abarrotava de abafos e sobretudos.

O saxofone de Charlie Parker, vindo da aparelhagem, dominava todas as vozes na sala.

— Pousa o casaco — sugeriu ele a Leona —, eu vou tentar encontrar alguém conhecido.

— Oh, tenho a certeza de que conheces toda a gente — respondeu ela.

— Vá — disse ele, com um sorriso e um empurrão gentil para que ela entrasse na sala —, faz o que te digo.

Enquanto ela guardava o casaco — e retocava a pouca maquiagem, talvez —, ele lembrou-se de que prometera ligar a Vivaldo. Deambulou pela casa em busca de um telefone relativamente isolado, e encontrou um na cozinha.

Marcou o número de Vivaldo.

— Olá. Como estás?

— Oh, tudo bem, acho eu. Que se passa? Achei que me ias ligar mais cedo. Já me preparava para desistir de ti.

— Só agora é que aqui cheguei. — Falou mais baixo, porque um casal entrara na cozinha, uma rapariga com o cabelo à tigela despenteado e um negro alto. A rapariga encostou-se ao lava-louça

e o rapaz, à frente dela, fazia deslizar as mãos sem pressa pelas laterais das coxas. Mal deram por Rufus. — Um montão de quadradonas elegantes, topas?

— Sim — respondeu Vivaldo. Seguiu-se uma pausa. — Achas que vale a pena ir até aí?

— Eh pá, sei cá. Se tens alguma coisa *melhor* para fazer...

— A Jane está aqui — tratou logo Vivaldo de dizer. Rufus deu-se conta de que o mais certo era que Jane estivesse esparramada na cama, a ouvir.

— Ah, tens aí a tua avó. Nesse caso, não precisas de nada daqui. — Não gostava de Jane, que era algo mais velha do que Vivaldo, e já tinha o cabelo grisalho. — Não há aqui ninguém da faixa etária que tu aprecias.

— Já chega, filho da mãe. — Ouviu a voz de Jane e de Vivaldo, aos segredinhos; não conseguiu perceber o que diziam. Depois Vivaldo, de novo no seu ouvido: — Acho que passo.

— Capaz que seja melhor. Vemo-nos amanhã.

— Talvez passe por tua casa...

— *Okay*. Não deixes que a avó te estafe, há? Ouvi dizer que as mulheres ficam umas verdadeiras feras quando chegam à idade dela.

— Eu gosto delas ferozes, pá!

Rufus riu-se.

— É melhor *desistires* de tentar competir comigo. Jamais levarás a melhor. Até mais ver.

— Até mais ver.

Desligou, sorridente, e foi à procura de Leona, meio desamparada no vestíbulo a ver o anfitrião e a anfitriã despedirem-se de uma série de pessoas.

— Achavas que te tinha abandonado?

— Não. Sabia que não farias tal coisa.

Sorriu para ela e tocou-lhe no queixo com o punho cerrado. O anfitrião deu as costas à porta e acercou-se deles.

— Vá, entrem e bebam qualquer coisa — convidou ele. — Vá lá, força.

O romance-terramoto de um dos mais icónicos e revolucionários escritores americanos do século XX: uma teia de paixões artísticas, raciais, políticas e sexuais.

«Foi Leona quem abriu a porta. E Rufus deleitou-se a ver o ar chocado de Vivaldo, que ora olhava para Leona, embrulhada no roupão de Rufus, ora para este, sentado na cama, nu sob os lençóis.»

Publicado em 1962, *Um outro país* causou um cataclismo literário. Nos clubes de *jazz* de Greenwich Village, Rufus, um baterista negro em espiral de decadência, envolve-se com Leona, uma mulher branca nascida no Sul. Autodestrutivo, e tão perverso quanto brilhante, Rufus arrasta-nos para um submundo boémio, quente e vibrante, movido pela batida da música e do sexo, onde todos se dedicam a um perigoso jogo de enganos. Em nome do amor e do ódio, homens e mulheres, negros e brancos, despem-se das suas máscaras de género e raça, amam-se, traem-se e testam-se para lá de todos os limites, até à perdição final.

É a partir desta galeria de relações condenadas que Baldwin vai dissecando os seus temas de eleição: raça, nacionalismo, identidade, depressão e sexualidade. Na esteira de *O quarto de Giovanni*, *Se esta rua falasse* ou *Se o disseres na montanha*, eis um romance violento e apaixonado cujas personagens lutam para derrubar, a todo o custo, as barreiras da segregação e das convenções, em busca da felicidade e de si próprias.



«Um dos grandes romances americanos dos últimos cem anos.»

The Atlantic

«Neste livro, Baldwin criou o drama americano essencial do século XX.»

COLM TÓIBÍN




«Uma obra-prima. Uma experiência de leitura quase intolerável, tumultuosa, que faz sentir o sangue a latejar nas veias.»

The Washington Post



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)
  [penguinlivros](https://www.penguinlivros)

ISBN 9789897872341



9 789897 872341 >